

Lembrar Huizinga: 1872-1945

João Antonio de Paula
Professor do Cedeplar
Universidade Federal de Minas Gerais

*Para a minha saudosa amiga
e colega, Maria Regina Nabuco.*

Resumo

Na passagem dos 60 anos da morte do grande historiador holandês Johan Huizinga, este artigo discute o sentido de sua obra e comenta os equívocos que marcaram a recepção destes trabalhos ao longo do último século.

Abstract

Sixty years after the death of Johan Huizinga, the great Dutch historian, this article discusses the meaning of his work and comments on the misconceptions that marked the response to his books in the past century.

Palavras-chave

Huizinga; historiografia.

Classificação JEL N01.

Key words

Huizinga, historiography.

JEL Classification N01.

Em 1º de fevereiro de 1945, morria, na pequena cidade holandesa de De Steeg, confinado pelo exército nazista, o grande historiador holandês Johan Huizinga, nascido em 1872. Os sessenta anos de sua morte, como a sua morte mesma, não foram registrados com o cuidado devido. Em 19 de maio de 1946, Otto Maria Carpeaux dava notícia da morte de Huizinga dizendo:

deram importância ao desaparecimento de outras personalidades cujo valor ignoram, e deste modo o mundo mal tomou conhecimento da morte do historiador Jan Huizinga, ocorrido em fevereiro de 1945 num campo de concentração da Holanda (Carpeaux, 1992, p. 96).

Neste 2005, os sessenta anos da morte de Huizinga não tiveram qualquer repercussão na imprensa brasileira, e, no entanto, seja em 1945, seja hoje, a obra e o exemplo de Huizinga são indispensáveis. Naquele tempo, Huizinga denunciou, com rara coragem, a barbárie nazista; hoje, sua voz seria um antídoto contra a nova barbárie travestida de “globalização globalitária”.

Fala-se aqui de “globalização globalitária”, como a definiu o nosso grande Milton Santos, e lembre-se também o

insuspeito, porque norte-americano e liberal, John Dewey. É dele a frase:

Como se conta haver dito Huey Long, o fascismo chegará a esse país sob o nome de proteção da democracia contra seus inimigos (Dewey, 1970, p. 159).

E talvez se deva dizer, alargando a tese de Huey Pierce Long (1893-1935), que hoje o governo norte-americano quer proteger a democracia no mundo contra seus inimigos, exportando um fascismo *high-tech* tão brutal e vergonhoso como sempre.

Em 1933, reitor da Universidade de Leiden, diz Carpeaux, Huizinga “quase causara um conflito diplomático, expulsando estudantes nazistas do recinto da escola” (Carpeaux, 1992, p. 97). Seu livro, de 1935, que em tradução francesa se chamou *Incertitudes – Essai de diagnostic du mal dont souffre notre temps*, é um ataque frontal ao nacional socialismo e a todos os totalitarismos semelhantes, ataque ao amesquinamento da cultura contemporânea, à brutalidade, à opressão, ao racismo dizendo – “o racismo é sempre antiasiático, antiafricano, anti-semita, antiproletário” (Carpeaux, 1992, p. 97).

Historiador da cultura, basicamente, Huizinga não se calou quando as sombras do nazismo ameaçaram as liberda-

des, a cultura humana, como a afirmação da tolerância e da solidariedade.

Sua obra completa, em nove volumes, foi publicada entre 1948 e 1953, em holandês. Seus primeiros trabalhos foram no campo da filologia e da literatura comparada. Especialista em árabe e sânscrito, Huizinga, a partir de 1905, vai dedicar-se aos estudos históricos. Sua perspectiva teórica, marcada pela obra de Burckhardt, é um das mais felizes e belas manifestações das chamadas “ciências do espírito”. No caso de Huizinga, isso significou pensar os problemas da cultura como indissolivelmente ligados aos problemas da política, de que resultará – como disse Carpeaux:

não admitir a separação entre política e cultura, separação cuja consequência seria a degeneração da política em “realismo político” brutalíssimo e da cultura em débil idealismo acadêmico (Carpeaux, 1992, p. 96).

Só uma única vez, Huizinga dedicou-se à histórica econômica. Foi em sua monografia sobre a *A origem da cidade de Haarlem*, publicada em 1905. Sua obra, iniciada com uma tese de graduação sobre o teatro indiano antigo em 1897, apesar de seus variados temas, tem, disse Gombrich – “*impresionante unidade...*” (Gombrich, 1991, p. 142). Unidade tanto no sentido metodológico, a mobilização do conjunto dos

materiais da cultura na compreensão da realidade, quanto no sentido da reiteração de uma mesma pergunta básica que Gombrich traduz como sendo a investigação sobre a tensão entre aparência e essência, entre ilusão e realidade, que marcaria a história da cultura em suas várias etapas:

el choque entre el mundo real, duro, y las atracciones de un mundo fantástico? El mismo Huizinga caracterizó el embrujo que la historia siguió ejerciendo en él menos con interés intelectual que como “una especie de hantise, una obsesión, un sueño, como que desde los días de mi infancia” (Gombrich, 1991, p. 142-143).

Entre os trabalhos mais conhecidos de Huizinga, listem-se:

- _ de 1918, seu livro *Homem e massa na América*;
- _ de 1919, o clássico *O outono da Idade Média*;
- _ de 1924, a biografia de *Erasmus de Roterdã*;
- _ de 1929, *A tarefa da história cultural*;
- _ de 1935, *Nas sombras do amanhã*;
- _ de 1938, o também famoso *Homo Ludens*;
- _ de 1945, *Um mundo em ruínas: considerações sobre as possibilidades de reconstruir nossa civilização*.

Muito pouco disso foi traduzido para o português e publicado no Brasil (Colie, 1975).

Seus livros mais conhecidos, *O outono da Idade Média* e *Homo Ludens*, foram editados em português. O silêncio que recobre, não só aqui, o restante da obra de Huizinga é desses episódios de injustificável amnésia, que também marcam a vida cultural, por vezes. De fato, no referente à recepção da obra de Huizinga, tem havido certo mal-entendido, que talvez decorra de sua natureza, rigorosamente inclassificável. Em 1905, Huizinga apresentou o trabalho – “O elemento estético na apresentação da história” –, que reivindica uma tal miscibilidade entre o discurso artístico e o historiográfico, que tem desconcertado gerações de historiadores, mesmo entre os melhores.

Huizinga escreve uma prosa de tal forma brilhante, mobiliza uma tal gama de fontes artísticas – literatura, artes plásticas, música, teatro – que o resultado final acaba por produzir, em certos leitores, ciosos do rigor historiográfico, uma reação de resistência, de suspeição contra o que se apresenta tão desabusadamente “vago”, “literário”, “artístico”, belo, enfim. Foi essa a reação, por exemplo, de significativos historiadores da *École des Annales*, de Lucien Febvre a Jacques Le Goff. Tanto no artigo “Como reconstituir a vida afetiva de outrora?” (A sensi-

bilidade e a história), de Lucien Febvre, incluído no livro *Combates pela História*, como no recente verbete do volume *Nova História*, de Jacques Le Goff, Huizinga é tratado com uma reserva, é criticado com um ânimo, que alguém mais propenso a identificar motivações subalternas terá razão em chamar de despeitadas, ou invejosas. Veja-se o trecho:

Voltemos, pois, a ler Huizinga numa perspectiva atual, lembrando-nos de que, no passado, ele rasgou o véu de uma história orgulbosamente impossível e de que, para nós, embora possa ser um mestre do erro com os seus “talvez”, o seu estitismo e diletantismo, ele nos abre igualmente as portas que conduzem à história que está ainda por fazer (Le Goff, 1990, p. 287).

A pesada acusação contra Huizinga, de ser “o mestre do erro”, de ser aquele que abusaria do “talvez”, de que seria estetizante e diletante, isto é, em tudo criticável por uma historiografia, que se quer rigorosa, porque não necessitada de usar o talvez. Há nessa pretensão de Le Goff um traço positivista, que é ocioso sublinhar. Contudo, o que de fato me parece criticável no juízo de Le Goff sobre Huizinga é que ele omite que a mais decisiva caracterização da melhor historiografia contemporânea, o que realmen-

te definiria a especificidade do fazer historiográfico, a necessária interdição do *anacronismo*, aquilo que Lucien Febvre chamou de questão central da historiografia, foi, com efeito, inaugurada, no essencial de seu sentido, por Huizinga num texto de 1929, muito antes da publicação do *Rabelais*, de Lucien Febvre, que é de 1942.

Huizinga vai dizer:

La Historia se distingue de estas otras formas do espíritu en que se proyecta sobre el pasado y solamente sobre el pasado. Pretende comprender el mundo en el pasado y a través de él (Huizinga, 1980, p. 92).

As implicações da tese de Huizinga são claras. A história distingue-se das outras atividades do espírito – filosofia, literatura, direito, ciências sociais – que se projetam sobre o passado, por fazê-lo, tomando como fonte apenas aquilo que esse mesmo passado produziu. Eis aí o essencial do programa da historiografia contemporânea.

De outro lado, foi o mesmo Huizinga, em 1919, com *O outono da Idade Média*, que inaugurou o que se chama hoje *história das mentalidades*. Foi ele quem iniciou, com o livro de 1919, a linha de pesquisa que Lucien Febvre reclamava – “*Eu peço que se abra um vasto inquérito coletivo sobre os sentimentos fundamentais dos homens e*

suas modalidades” (Febvre, 1977, p. 182). Trata-se aqui, com *O outono da Idade Média*, não só do pioneirismo da pergunta, mas do uso inovador das fontes, de uma abertura para a interdisciplinaridade, para a pluralidade que só faz reforçar a grandeza da obra de Huizinga. Eis a explicação de Huizinga sobre a bela motivação de sua pesquisa:

A presente obra trata da história dos séculos XIV e XV encarados como período de termo, de fecho da Idade Média. Tal visão destes séculos apresentou-se ao autor deste volume quando procurava chegar a uma compreensão genuína da arte dos irmãos Van Eyck e de seus contemporâneos, quer dizer, apreender o seu significado considerando-a uma relação como um todo de vida da época (Huizinga, [s. d.], p. 7).

Homem atento às linhas de força de seu tempo, Huizinga detectou algumas das contradições contemporâneas fundamentais. É o que se vê em sua interpretação das relações entre ciência e tecnologia. Vejam-se os trechos de Huizinga citados por Carpeaux:

A esperança de que qualquer invenção promete o estabelecimento de valores mais altos ou de felicidade maior para todos é de ingenuidade extrema... [...] não é paradoxo: uma civilização é capaz de acabar com

seus próprios progressos [...] Hoje em dia, o homem médio está diariamente e noturnamente informado de todas as coisas e mais algumas outras coisas [...].

E, então, adenda Carpeaux:

Quase sempre pode dispensar e dispensa as experiências próprias e a meditação, e recebe, em latas, os conhecimentos, as opiniões e as conclusões. Valores discutíveis são tidos como absolutos porque não é preciso nenhum esforço intelectual para aceitá-los. A capacidade crítica desaparece [...].

A conclusão de Huizinga:

ciência é poder, este lema jubiloso da época burguesa ressoa hoje como uma marcha fúnebre [...] e quem se oporia hoje a estas palavras, escritas em 1935? (Huizinga apud Carpeaux, 1992; Carpeaux, 1992, p. 98 e 99).

E assim, quem, com mais razão ainda, poderá se opor a essas palavras hoje, em 2005?

Não se trata aqui, como também não era o caso no tempo de Huizinga, de se fazer condenação espúria e inaceitável do desenvolvimento da ciência e da tecnologia como se incompatíveis fossem com a plena emancipação humana, isto é, a que implica bem-estar material, liberdade e solidariedade. Para Huizinga, o pleno desenvolvimento da civilização, que

ele insistia em chamar de desenvolvimento da cultura, implicava o equilíbrio entre as dimensões materiais, morais e intelectuais da vida social. Ainda para ele, esse equilíbrio tinha sido rompido na sociedade contemporânea, o que fez com que o progresso técnico não fosse incompatível com a decadência intelectual e moral.

Huizinga viveu uma época de grandes catástrofes: duas guerras mundiais, a barbárie nazi-fascista, a tragédia stalinista. A epígrafe de seu livro de 1935, *Nas sombras do amanhã*, é uma frase de São Bernardo – “*Habet mundus iste noctes suas et non paucas*” (“Este mundo tem as suas noites, e não são poucas”). Numa dessas noites, em 1944, outro grande historiador, Marc Bloch, foi assassinado pelos nazistas. Em 1942, Huizinga foi preso pela mesma máquina assassina e confinado, até que, debilitado, morreu em 1945, antes que seu país fosse libertado. Mas todos sabem que, ainda longas, frias e tristes, as noites se vão. O que alguns sabem, e Huizinga foi um deles, é que as noites não se vão por decreto natural, é que essas noites, essas noites de chumbo, só se vão movidas pela irrupção do brilho que vem dos que sabem, como Marc Bloch, “que nós somos os vencidos provisórios de um destino injusto”.

P. S.

Em tempo, lembre-se e homenageie-se outro esquecido autor, Maurice Halbwachs, também morto em 1945, em março, executado pelos nazistas no campo de Buchenwald. Nascido em 1877, em Reims, Maurice Halbwachs foi um desses raros pensadores contemporâneos que cultivaram com talento e acuidade tanto as ciências do espírito quanto as ciências naturais. É como sociólogo que ele ficará mais conhecido, como discípulo de Durkheim, de quem ele vai retomar e ampliar a pesquisa sobre o suicídio, publicando, em 1930, *Les causes du suicide*. Mas Halbwachs trabalhou em outros campos. Influencia-

do por Bergson, fará do tempo e da memória categorias importantes da reflexão sociológica. Demógrafo, estatístico, matemático, economista, filósofo, sociólogo, Maurice Halbwachs é desses autores que mostram a riqueza e as possibilidades heurísticas de uma perspectiva teórica aberta e pluralista. Estudioso de Leibniz e de Quetelet, de Bergson e de Durkheim, das condições de vida da classe operária e da memória coletiva, Halbwachs é um praticante exemplar da tão reclamada hoje interdisciplinaridade. Retornar sua obra, lembrar sua trajetória intelectual e moral ajudam a abreviar estes tempos obscuros, estas noites que insistem em acontecer.

Referências bibliográficas

CARPEAUX, Otto Maria.
O testamento de Huizinga.
In: *Sobre letras e artes*.
São Paulo: Nova Alexandria, 1992.

COLIE, Rosalie L. Huizinga,
Johan. In: SILLS, David (Org.).
*Enciclopedia Internacional
de las Ciencias Sociales*.
Tradução espanhola.
Madrid: Aguilar, v. 5, 1975.

DEWEY, John. *Liberalismo,
liberdade e cultura*. Tradução
portuguesa. São Paulo: Cia.
Editora Nacional/EUSP, 1970.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela
história*. Tradução portuguesa.
Lisboa: Presença, v. II, 1977.

GOMBRICH, E. H. *Tributos*.
México: F. C. E., 1991.

HUIZINGA, Johan. *O declínio
da Idade Média*. Tradução
portuguesa. Lisboa/Rio
de Janeiro: Ulisséia, [s. d.].

HUIZINGA, Johan. *El concepto
de la historia*. 3. ed. Tradução
espanhola. México: F. C. E., 1980.

LE GOFF, Jacques; HUIZINGA,
Johan. In: LE GOFF, Jacques
et al. (Orgs.). *A nova história*.
Tradução portuguesa. Coimbra:
Almedina, 1990.

.....
• E-mail de contato do autor:
• jpaula@cedeplar.ufmg.br
.....